

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-04-08

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Gomes, M. J., Corte-Real, M. & Monte, M. (2015). Cidade do avesso. *e-Metropolis*. 6 (23), 44-48

Further information on publisher's website:

<http://emetropolis.net/>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Gomes, M. J., Corte-Real, M. & Monte, M. (2015). Cidade do avesso. *e-Metropolis*. 6 (23), 44-48. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.



**Maria João Gomes
Madalena Corte-Real
Marianna Monte**

Cidade do avesso

Cada cidade, tal como cada ser humano, não se repete, é única.

Lisboa é única no território que ocupa e no modo como cresce, como acomoda e se acomoda a quem a usa. Ao longo do tempo, absorve os passos, as conversas, adapta-se a cada realidade nova que se lhe impõe insistindo em manter-se viva.

Dentro de Lisboa, mesmo dentro, o seu cerne são os espaços escondidos. Locais de escadas e marquises onde se estende a roupa, colocam-se as caixas do ar-condicionado e os tubos infundáveis dos restaurantes, locais de arrumos onde se guarda o que é feio mas porventura útil. Onde se esquece o que já serviu.

Espaços onde não se disfarça, onde se expõem as cicatrizes, os enxertos que adaptam brutalmente a cidade históri-

ca ao presente. É o âmago do qual surgem os momentos gerados pela fusão de cada história programada ou casual de intervenção funcional no espaço.

É nesse avesso da cidade que subsistem resquícios de ruralidade; as couves, o pombal. Sons contrários à rua como o cantar do galo, a intimidade de um jantar entre amigos ou a discussão dos vizinhos. A casa estende-se e desvenda o ser e o estar dos que nela habitam.

Por inércia ou por esquecimento, os usos e as vivências sedimentam-se numa privacidade partilhada nas traças dos prédios, testemunho cumulativo da evolução de Lisboa e das narrativas sociais e culturais de quem a vive.

A cidade do avesso é um documento aberto, resguardado de quem a caminha mas olhado por tantos que fumam à janela num dia de inverno. ■

Maria João Gomes

Arquiteta Paisagista, doutoranda em Estudos Urbanos na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em articulação com o ISCTE Instituto Universitário de Lisboa.

Madalena Corte-Real

Socióloga, doutoranda em Estudos Urbanos na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em articulação com o ISCTE Instituto Universitário de Lisboa.

Marianna Monte

Arquiteta Urbanista, doutoranda em Estudos Urbanos na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em articulação com o ISCTE Instituto Universitário de Lisboa.

mariannamonte@gmail.com







